



SOCIEDADE ELEGANTE PORTUENSE:

A menina Ondina Perdigo, filha do sr. Licinio Perdigo, e da sr.^a D. Elisa Perdigo, já diplomada com o curso dos liceus, tendo apenas 15 anos de idade,
(Cliché J. Monteiro — Porto)

I SERIE — N.º 705

Director — J. J. da Silva Graça
Propriedade de
J. J. da Silva Graça, Ltd.
Editor — Antonio Maria Lopes

Redacção, administração e oficinas:
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

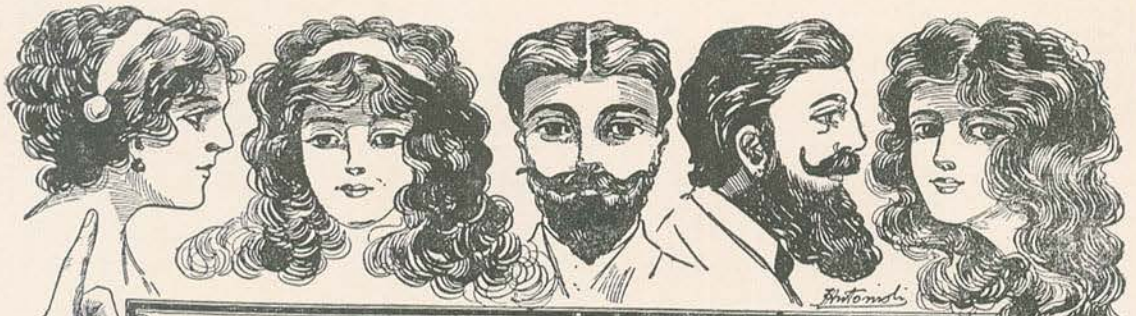
ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Lisboa, 225 de Agosto de 1919

ASSINATURAS: Portugal, Colo-
nias portuguesas e Espanha:
Trimestre, 1\$90 ctv.
Semestre, 3, 3\$75 ctv. — Ano, 7\$50 ctv.

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso so em todo o Brazil, 700 réis.



Tem cabelos brancos?

Se os quer vêr outra vez da sua primitiva côr, não use a primeira tintura que lhe aconselhem; isso pôde ter inconvenientes maiores do que supõe: cafr-lhe o cabelo. ter irritações de pele e até envenenamentos. Ao contrario, a

“JUVENIA”

que não é tintura, mas sim um tónico, faz voltar o cabelo á sua primitiva cor, sendo não só inofensiva mas até muito conveniente, porque o fortifica e o embeleza; dá-lhe um brilho incomparavel, limpa o couro cabeludo, faz parar, em muitos casos, a queda do cabelo. Não tem nitrato de prata e não mancha a pele.

A' VENDA NA

PERFUMARIA DA MODA—5, Rua do Carmo, 7—LISBOA

o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e principaes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, séde dos escritorios e fabrica.

CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora viuva, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em inscrições, e uma menina orfã, de 18 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se serias informações, embora não possuam grandes melos. Quem se julgue nas condições dirija-se (com selo para resposta) a *M. Club of New-York-Porto*. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros muitos que já estão em relações directas.

Creme Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ.

Preparado de pureza garantida. Frascos: 4800 rs., 2500, 2500, 1500 e 800 rs. Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.º. Telefone 4.339 centr.

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente, e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarca, n.º 2, 1.º Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

Reconstituinte
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris



Garante-se a destruição d'este flagelo em 24 horas. — SOCIEDADE PRODUTOS FARMACEUTICOS — **Marinho & Amaral**, Rua Jardim do Regedor, 19, 21, 21-A.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações	360.000\$00
Obrigações	288.630\$00
Fundos de reserva e amortização	360.000\$00
Escudos	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirint (Tomar), Penedo e Casal de Iermio (Louza Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de tipos de escrita, de impressão e de embrulho Toma e executa prontam ante encomenda para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina contínuo ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depósitos LISBOA, 270, rua da Princesa, 270. PORTO, 19, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 111.



Corôas

Onde ha o mais chique sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branco
L.º D'ABEGOARIA, 50
Luo Chiado) Telef. 327

AS NOSSAS CASAS

Parece certo que, atendendo á alta das rendas das casas e á falta d'estas, se vai proceder á construcção de habitações para serem alugadas por preços razoáveis e, o que é tambem muito, dispondo de comodidades desconhecidas até agora em Portugal, não só pelos habitadores pobres, mas tambem pelos remediados.

Não cremos que em paiz algum do mundo se viva de portas a dentro com menos conforto do que entre nós; de verão ou de-inverno, é com sacrificio que o português permanece em casa, quando não pode deixar de ser, porque lhe faltam as mais elementares condições do bem estar. De verão, arde-se dentro de casa, de inverno, gela-se, não falando na falta de hygiene comum a todas as estações e que só não causa mais vitimas pelas faculdades de adaptação com que a natureza nos dotou. O «conhego do lar», expressão de que tanto se abusa,

é poesia, é apenas para uso literario; no fundo, ninguém se sente aconchegado no lar: o chefe de familia está morto para ir para as suas occupações, a esposa inveja-o e acha que o marido é que é verdadeiramente feliz, porque pode tomar ar, os pequenos, assim que apanham a porta aberta, fogem para a rua.

Isto, quanto a casas particulares, porque se descrevessemos os hotéis e as denominadas pensões, com a crueza que o assunto merece, o leitor ficaria verdadeiramente horrorizado. E' verdade que os ha «recomendados pela Propaganda de Portugal» mas isso mesmo indica que se trata d'uma excepção, quando a regra geral devia ser precisamente o opposto, apontando-se os que não fossem dignos de receber hospedes, com o leitreiro depreciativo: «Não recomendado pela Propaganda de Portugal».

Emfim, ainda que o projecto que vem nos jornais não represente senão boas intenções, não deixa, ainda assim, de ser animador.

GONÇALVES VIANA

Eis um nome que o grande publico não conheceu nunca e que as pessoas que nos lêem já talvez tenham esquecido. No entanto, Gonçalves Viana, falecido ha cinco anos, foi um filologo notavel, poliglota, que não só falava correctamente cinco ou seis linguas, mas que lhes conhecia a historia e a literatura. Deixou trabalhos apreciadissimos por sabios estrangeiros e nacionais, nas nossas escolas adoptam-se livros de que foi autor, d'uma cuidada pedagogia, a Academia das Sciencias de Lisboa e a Sociedade de Geografia tiveram-no como um dos seus membros de mais prestigio, o paiz deve-lhe serviços importantes, de que nunca pediu recompensas, entre elles uma intelligente colaboração na reforma ortografica, que estabeleceu a escrita simplificada em bases scientificas. Pois bem:

em 13 do proximo mês de Setembro se os amigos e admiradores de Gonçalves Viana se não lembrarem d'ele, os seus restos, que se encontram n'um coval do cemiterio de Bemfica, sem o menor sinal que recorde ao visitante um nome que muito honrou Portugal, serão levados para a vala comum. Quem deixa familia pode ter um parente que lhe faça respeitar o cadaver; Gonçalves Viana não deixou familia—e é isto o que convem que saibam os que lhe foram affectos.

O JOGO

Pela milésima vez levanta-se no parlamento a questão do jogo, se deve ser regulamentado ou não, se convirá reprimi-lo absolutamente, se é moral continuar a fechar os olhos. Meia Lisboa joga, diz-se, e do jogo vivem actualmente tantas familias, que a prohibição seria uma calamidade; a desonestidade alastra, porque os que jogam por vicio perdem inconscientemente a noção do dever, e então a comodidade de não intervir, fingindo que se não sabe o que toda a gente sabe, é tambem perniciosissima. Resta a regulamentação: porque se não faz?

N'este, como em muitos outros casos de difficil explicação e solução aparentemente facil, occorremos sempre á memoria a notavel peça castelhana *Los intereses criados*. Muito provavelmente os interesses criados seriam prejudicados pela regulamentação e os que se viriam a criar não compensariam aqueles, de onde, o receio do desequilibrio.

Deve ser isso.

LIVROS

Foi fertil a passada semana em obras literarias e criticas, e d'esta vez a quantidade não prejudica a qualidade: Camara Lima deu-nos o *Beco do Fala-só*, João do Rio, *A mulher e os espelhos*, Ribeiro de Carvalho *A eterna canção* e Rui Gomes *A musica e o teatro*. Como, no curto espaço que se destina á cronica, se poderá dar ao leitor a impressão, mesmo resumidamente, de quatro livros? No *Beco do Fala-só*, Camara Lima é o humorista que o publico conhece, entre outros, da sua colaboração no *Suplemento do Seculo*, actualmente *Seculo Cómico*: é o cultivador elegante do riso, dizendo muito pelo que escreve e deixando adivinhar muito mais pelo que não escreve, como aqueles actores que são grandes na declamação e maiores ainda na contra-scenação.

Na *Mulher e os espelhos*, o admiravel prosador brasileiro encontrou um admiravel titulo, que é toda a obra, porque «são historias sem o merito da invenção (diz o autor) que contam o eterno drama da mulher diante dos espelhos... diferente ás vezes de espelho para espelho, sendo a mesma e querendo o espelho que a revele, sem o encontrar». (Lêem-se d'um folego, essas historias, e no fim sollicitam-se mais, muitas mais, como encanto para o sentimento e para o sentido, deliciado com a musica da formosa linguagem portugueza, que João do Rio trabalha preciosamente.

Na *Eterna canção*, Ribeiro de Carvalho é, mais uma vez, um delicioso lirico, que a politica não estragou—observação que Julio Dantas faz, com o seu natural bom senso, no prefacio. Não conseguiu estragar, dir-se-hiaa melhor, como preito ás faculdades do poeta, para lhes medir a grandeza.

Resta-nos falar da *Musica e o teatro*, a que o autor chama «esboço filosofico» e que são mais de tresentas paginas, para leitura meditada e não rapida, como a que acabamos de fazer. Estas linhas são apenas para agradecer a oferta do livro, que não devemos falar de leve em obra que representa com certeza aturadissimo estudo.

Aacacio de Paiva.

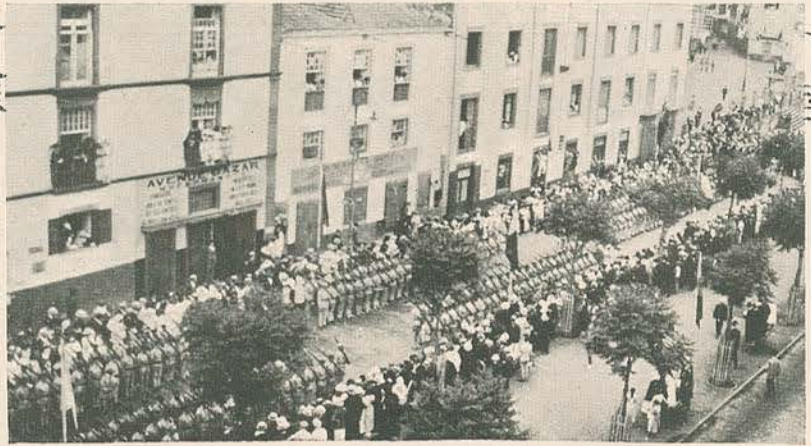
(Ilustrações de Rocha Vieira).



AS FESTAS DA PAZ NO FUNCHAL

Do Funchal não tiveram menos brilho, do que nas primeiras cidades do país, as festas comemorativas da assinatura da paz. Foi imponente a parada militar que se organizou na Avenida Dr. Manoel de Arriaga, realizando os regimentos de infantaria e artilharia varias manobras com grande garbo e segurança.

N'uma das fases da manobra, o comandante militar, coronel sr. Nobre da Veiga e o alferes miliciano, sr. dr. Reis Costa proferiram patrióticos discursos



No Funchal. — Um aspecto das tropas formadas em parada militar na Avenida Dr. Manoel d'Arriaga por ocasião das festas comemorativas da assinatura da paz.



O comandante militar do Funchal, coronel sr. Nobre da Veiga, pronunciando um patriótico discurso alusivo ao ato.

tics no caes da Pontinha, onde se aglomerava imenso publico. Dos exercicios sobresaíu a corrida de natação de 100 metros, corrida do ovo, apanha de patacos, etc., sendo todos os nadadores muito aplaudidos. Os mergulhos dados da varanda do Ilheu a 25 metros de altura, arrancaram os mais freneticos aplausos á multidão.

Apresentou-se tambem montado na sua hidro-gocycle, a que n'outra pagina largamente nos referimos, o sr. Fernando de Figueiredo.

É pena que estes divertimentos, que são tanto do gosto dos madeirenses não se accentuem no animo dos nossos sportsmen, pois que para eles não ha baía melhor do que a do Funchal.

Fecharam as festas com a recita de gala no teatro Dr. Manoel de Arriaga, onde uma numerosa e selecta assistencia aplaudiu entusiasticamente a companhia Abi-



O regimento de infantaria da guarnição do Funchal a caminho da Avenida Dr. Manoel d'Arriaga, onde se realizou a parada militar.

tos alusivos ao acto, salvando a Fortaleza de S. Tiago com 21 tiros.

A's 15 horas realizaram-se os sports nau-

cidade de gala no teatro Dr. Manoel de Arriaga, onde uma numerosa e selecta assistencia aplaudiu entusiasticamente a companhia Abi-

lio do Amaral. O governador civil, general sr. Simões Soares, pronunciou um elegante discurso, coberto de aplausos, e o empresário, sr. Abílio do Amaral, recitou no meio de uma viva comoção a poesia *O Triunfo* do ilustre e inspirado poeta sr. Jaime Ca-



O alferes miliciano sr. dr. Reis da Costa, discursando.

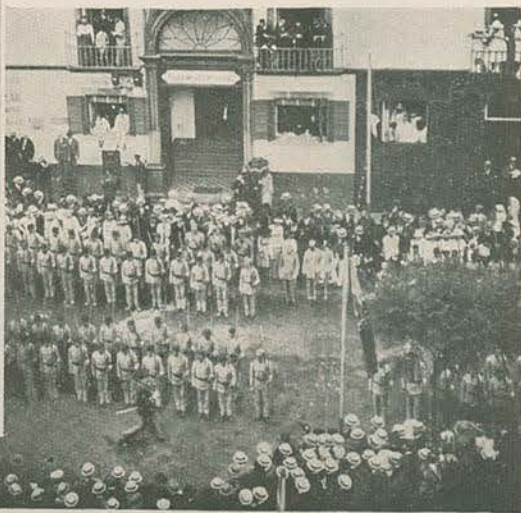
mara, que sentimos a falta de espaço não nos permita reproduzir.

As festas comemorativas da assinatura da paz no Funchal não podiam ter maior brilho. Todos os pontos do seu programa foram executados com um interesse e um entusiasmo, que as deixaram perduráveis no coração de todos os que a elas assistiram, devendo ficar satisfeitos os beneméritos que a promoveram.

(Todas estas fotografias foram tiradas exclusivamente para a *Ilustração Portuguesa* pelo distinto medico sr. Armando Pereira Amaral, a quem agradecemos tão extremada gentileza)

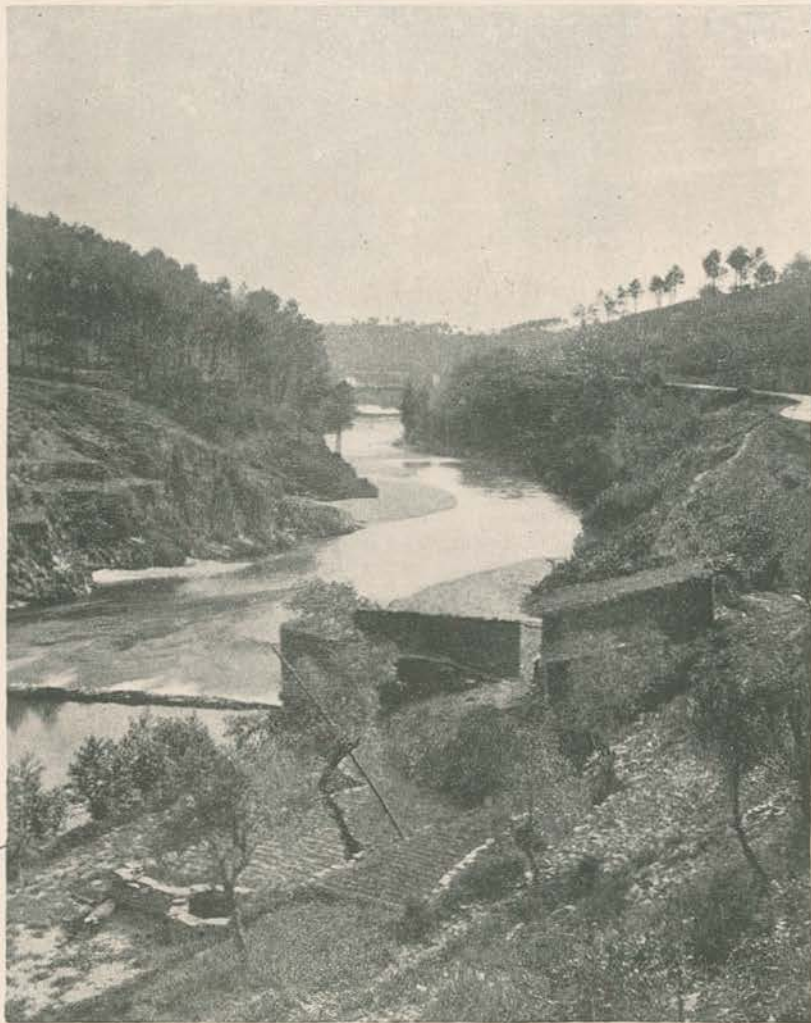


Depois da parada militar as forças militares que n'ela tomaram parte, dirigindo-se aos seus quartelamentos, percorrem varias ruas da cidade, sendo muito aclamadas. Nesta fotografia vê-se as tropas contornando o edificio da Sé do Funchal, que se acha ao fundo, do lado direito.

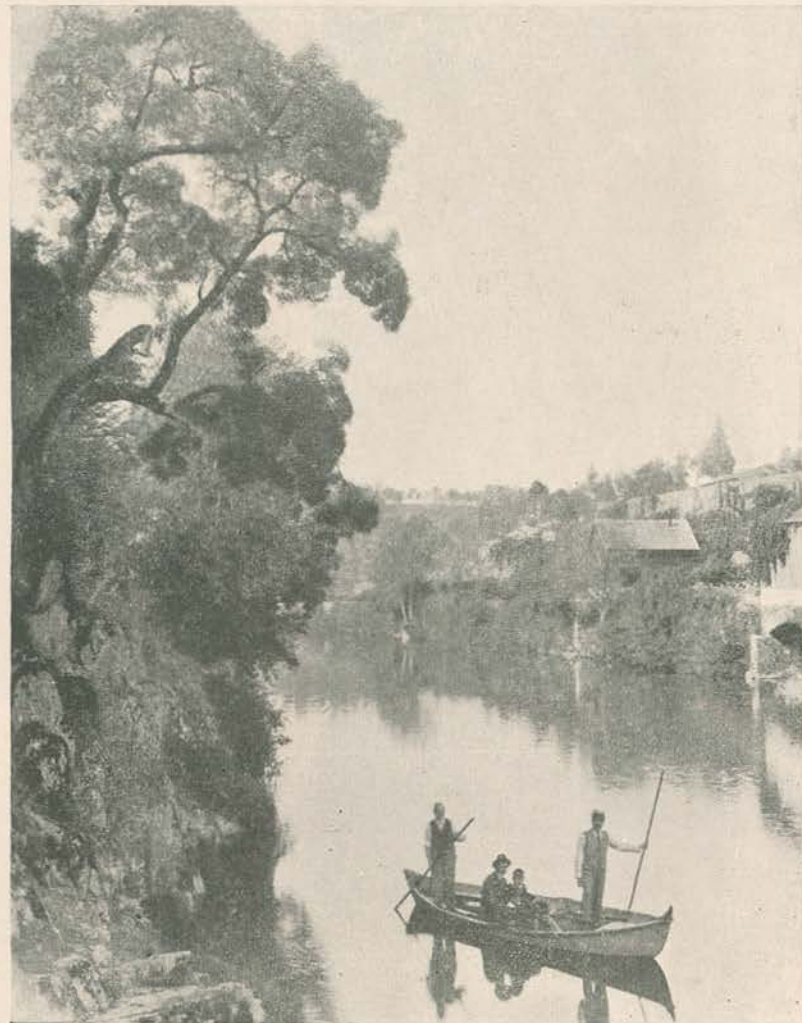


O coronel sr. Nobre da Veiga, comandante militar do Funchal, passando revista ás tropas do seu comando, formadas na Avenida do Dr. Manoel d'Arriaga.

PORTUGAL PITORESCO



Um primoroso trecho do Rio Alva e da bizarra policromia que o margina perto de Cõja,



No Rio Alva — Gosando a remeçada do rio e admirando a encantadora paisagem das suas margens.
(Clichês do distinto arador sr. Francisco Pinharanda)



A FOGAÇA

Que bela, que lindíssima fogaça
Leva a Rosinha na cabeça airosa!
Ou não fosse ela, pelo mome, rosa,
Ou não tivesse da roseira a graça!

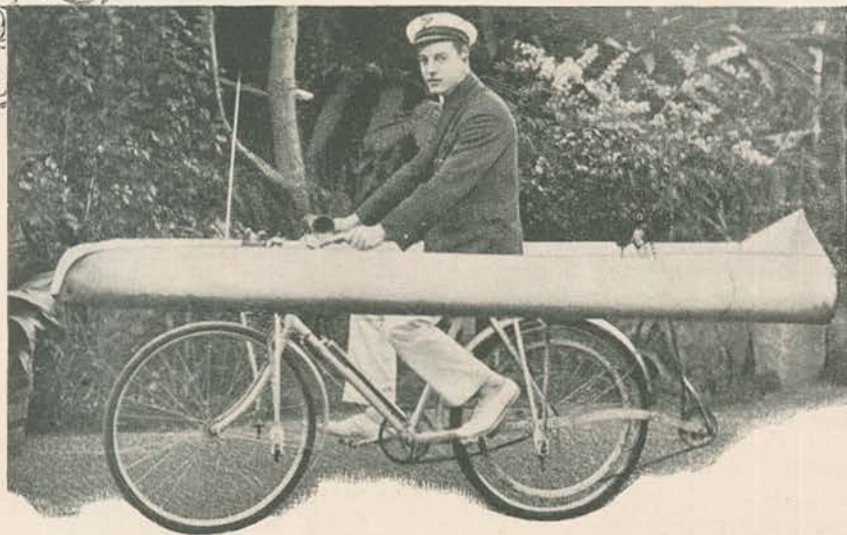
Logo á tardinha, se a puzer em praça,
É soltar o pregão com voz mimosa,
Chovem moedas no aventa! da Rosa,
É mais os risos d'ela são de graça!

Mas onde ha bolos de mnais fino cheiro,
Bolos que tenham mais; gostoso travo,
Que devem ser pesados za dinheiro?

Não é mais doce o mel dde loiro favo...
Rosinha os amassou no tabo'eiro
É mãos de Rosa são de rosa e cravo...

ACACIO (DE PAIVA

A hidro-geo-cicle



O sr. Fernando de Figueiredo na sua bicicleta a que applicou a *Hidro-geo-cicle* da sua invenção, vendo-se os dois fluctuadores que o compõem levantados por um dispositivo especial, o que lhe permite a marcha em terra.

Estava este invento reservado a um portuguez, um rapaz intelligentissimo, de uma habilidade rara e pertencente a uma das nossas familias mais distintas. Foi ele tambem quem dirigiu a sua construção. E' o sr. Fernando de Figueiredo, filho do illustre diretor da alfandega do Funchal, sr. Adolfo Figueiredo, ambos muito estimados pela primeira sociedade funchalense.

A *hidro-geo-cicle*, como o seu inventor a denominou, é a simples adaptação de um aparelho a qualquer bicicleta vulgar, que lhe permite andar com a maior facilidade e relativa rapidez sobre o mar.

A bicicleta assenta sobre quatro suportes fixos a dois fluctuadores, que lhe dão absoluta estabilidade, quando desliza sobre as vagas e que, dobrando-se sobre si, por um dispositivo especial permite a marcha em terra, como facilmente se vê nas fotografias que reproduzimos.

O movimento tambem é dado no mar pelos pedaes, que fazem girar uma helice com 20 rotações por pedada, helice que, da mesma fórma que os fluctuadores, se levanta por maneira a não impedir a marcha ordinaria sobre a terra.

A *hidro-geo-cicle*, sobre a agua, tambem marcha para traz com a inversão da pedalagem, sendo a direcção feita com a maior facilidade pelo guiador, que move simultaneamente dois lemes situados cada um na pópa dos fluctuadores. Honra, pois, ao seu autor.

Sem ser por milagre, já se anda hoje de todas as formas possíveis e imagináveis sobre as ondas; só faltava andar de bicicleta. Pois, anda-se com relativa facilidade e, de longe, parece andar-se em terra.



A bicicleta a que foi applicada a *Hidro-geo-cicle* vista de frente em terra, tendo levantados os fluctuadores, que lhe dão estabilidade sobre a agua.



A *hidro-geo-cicle* deslizando sobre as aguas tripulada pelo seu inventor (Clichés do distinto fotografo sr. Vicente, da Madeira).

OS NOSSOS NAS OLIMPIADAS PERSHING



Grupo de esgrimistas e convidados da sala d'armas Carlos Gonçalves no dia do almoço em homenagem aos vencedores das Olimpíadas Pershing. Da esquerda para a direita, no primeiro plano, os srs.: Mario de Noronha, dr. José Pontes, Jorge de Paiva, que fez parte da *equipe* portuguesa ás Olimpíadas; professor Carlos Gonçalves e Fernando Farinha, que também tomaram parte nas Olimpíadas. Antonio Mendonça, dr. Cesar de Melo e dr. Francisco Beirão. No segundo plano, os srs.: dr. Alexandre Pinto Basto e Alexandre Vilar. No terceiro plano, os srs.: Antonio Oliveira, Acécio de Paiva, Cesar Farinha, Raul Gaya, Carlos Farinha, Alfredo Mendonça, Marciano Beirão, José Oliveira e Raul Furtado. No quarto plano, os srs.: Constantino Osorio e A. Santos. — (Cliché Serra Ribeiro.)

Julgamento do sr. Aires de Ornelas

Um novo importante julgamento se efetuou no Tribunal Militar Especial. Trata-se do do sr. Aires d'Ornelas e Vasconcelos, antigo logar-tenente do ex-rei D. Manuel e seu representante em Portugal, acusado de ter ido para a serra de Monsanto com o regimento de cavalaria 4, assumindo ali a chefia do movimento revolucionario. Este julgamento atraiu tambem á sala onde se realizou a audiencia uma enorme assistencia, despertando a maior curiosidade, além das declarações do reu e do sr. Simão Laboreiro, antigo director do *Tempo*, que a solicitações do advogado do reu foi convidado a depôr, a leitura dos depoimentos do sr. Tamagnini Barbosa e do chefe do Estado.

O reu foi punido em 2 anos de maior celular, na alternativa de 3 de maior temporaria, substituida por 3 anos e 4 mezes de degredo.



O general sr. Paulino Correia, presidente do tribunal que julgou o sr. Aires de Ornelas, vindo-se á sua esquerda o sr. dr. Pedro de Castro, juiz auditor do mesmo tribunal.



Uma das atitudes do sr. Aires de Ornelas e Vasconcelos, representante em Portugal do ex-rei D. Manuel e chefe do movimento monarchico do Monsanto, durante o seu julgamento. (Clichés Serra Ribeiro).

RAPIDO BOSQUEJO DA GRANDE GUERRA (1914-1918)

O tenente coronel do estado maior, sr. Mario de Campos, lente da Escola de Guerra, é um dos nossos mais autorizados e brilhantes escritores militares. Os seus trabalhos conquistaram-lhe esse lugar de destaque pelo criterio com que encara todas as questões, pelo estudo profundo com que as resolve e pela forma lucida com que as expõe. Fóra mesmo da esfera militar o ilustre escritor tem produzido trabalhos científicos e literários de grande apreço.

A sua obra mais recente é o *Rapido Bosquejo da Grande Guerra* dividido nas seguintes partes: *Nos campos de batalha, nas chancelarias e o nosso papel*. N'ela se condensa, pela primeira vez, em lingua portugueza a historia do formidavel acontecimento que, durante quasi 5 anos, absorveu a atenção do mundo.

Queremos referir-nos á grande guerra, em que as circunstancias nos obrigaram a ter um papel compativel com os nossos recursos, a nossa situação geografica e as nossas ligações politicas internacionaes, não falando já na consanguinidade que nos prende aos povos da *Entente*.



Uma das gravuras que ilustram a capa do interessante livro do sr. Mario de Campos. (*La Couture*)



Sr. Antonio Mario de Figueiredo Campos, tenente-coronel do corpo do Estado Maior e distinto professor da Escola de Guerra, autor do *Rapido Bosquejo da Grande Guerra*.

N'este esboço se traça a marcha dos acontecimentos sob o triplice aspéto militar, diplomatico e da nossa cooperação.

Não sendo possivel historiar em tão apertado espaço um facto tão consideravel e complexo, necessario se torna fazer justiça ao esforço do ilustre escritor que conseguiu dar uma vista do conjunto, sem solução de continuidade nos episodios e justificando sempre logicamente a successão d'estes.

É visivel que o sr. Mario de Campos procurou, tanto na parte estrangeira, como na nacional, basear o seu importantissimo estudo sobre os elementos mais seguros, indo bell-os aos melhores autores que versaram o assunto, ou a uma documentação official fóra de toda a contesitação.

Consideramos, por isso, este valiosissimo trabalho não só como uma síntese conscienciosa e feliz da conflagração mundial, mas também como um excelente auxiliar para os que, não podendo fazer estudos especiaes sobre assunto de tal vastidão, queiram fazer d'ele uma idéa precisa, clara e tão completa, quanto deve possuil-a um leitor, que não deseje ficar estranho ao conhecimento de um facto de tão capital importancia.



Outra gravura da capa do livro *Rapido Bosquejo da Grande Guerra*. (*Kiwambo*)

Exposição de Arte



Os expositores, srs.: Leonel de Parma Cardoso e Avelino Pereira

Até ha poucos anos em Portugal a Arte era sómente apanagio de uns tantos eleitos, não muitos, e só se mostravam, quando se mostravam, em Lisboa e Porto, a uma pequena minoria de escolhidos. E havia quem dissesse que assim é que estava bem, que só esses escolhidos tinham o direito de ver e de admirar, porque o vulgo não sentia a Beleza, nem lhe compreendia a transcendente utilidade...

Isto, é claro, quando se não dizia que a culpa era do publico, que, por falta de educação estética, não dava aos artistas a atenção e o aplauso que

lhes servissem de incentivo para se prodigalisarem mais, descendo até ele. A verdade, porém, é que esses dizeres não passavam de sem razões especiosas...

Os artistas não tinham o aplauso do publico, porque este nem sequer os conhecia. Mudaram os tempos...

E as exposições d'Arte, multiplicando-se, entraram nos nossos costumes tornando-se quasi indispensaveis. A *Ilustração Portuguesa* insere hoje dois lindos especimens d'uma exposição de caricaturas e sanguineas que dois moços artistas de real talento, vão dentro

em pouco abrir em Caldas da Rainha. São eles o sr. Leonel de Parma Cardoso, que já no verão passado n'aquella vila e mais recentemente na Exposição de Caricaturas do Instituto Superior do Comercio, foi bastante apreciado, e o sr. Avelino Pereira, aluno distintissimo que foi da Escola Nacional de Belas Artes.

B. Q.



«O Fado» interessante trabalho do sr. Leonel de Parma Cardoso



«Sanguinea», formosa produção artistica do sr. Avelino Pereira, que lhe tem proporcionado largos elogios.

(Clichés do distinto fotografo sr. João Penim, gentilmente cedidos á *Ilustração Portuguesa*)



Outro interessante trabalho do sr. Leonel de Parma Cardoso, que o intitulou: «Gestos eguaes... Ideias diferentes...»



Grupo de *sportsmen* da colonia portugueza do Rio de Janeiro, que fazem parte do «team» Lisbonense, que tem concorrido a interessantes *matches de foot ball*. Da esquerda para a direita, no primeiro plano os srs. Silverio, Antunes e Di nísio. No segundo os srs.: Reinardt, Armando e Luiz. No terceiro, os srs.: C. d'Almeida, (juiz de campo), J. Loureiro, M. Bandeira, Almeida, Coimbra, Eduardo e Amaral.



Sr. João Augusto Fernandes, muito conceituado no meio comercial da Madeira e um dos mais distintos alunos do notavel professor de canto sr. Julio Camara, que se distinguio deveras no sarau realisado por este para apresentação dos seus discipulos. A sua bem timbrada voz de baritono causou excelente impressão na elegante e entendida assistência, que lhe dispensou fartos aplausos, sendo tambem muito felicitado o sr. Julio Camara.

(Cliché da fotografia Vicente, do Funchal)

Um poeta portuguez no Rio.

—O sr. José Paes de Andrade que ha muitos anos vive no Brazil, sempre com vivas saudades da patria, foi um distinto professor do liceu entre nós, conquistou depois o grau de bacharel em ciencias juridicas e sociaes e está agora completando o seu curso de medicina no Rio de Janeiro, em cujo meio li-



Sr. José Paes d'Andrade.

terario é muito apreciado pela sua illustração e pelo seu talento poetico, do qual o seguinte soneto dá uma perfeita idéa.

SUMMA DOLOR

(INÉDITO)

Ao notavel escritor Albino Forjaz de Sampaio

*N'este meu vão sofrer, minha agonia,
Em busca do Ideal, da perfeição,
Cada hora que passa, noite e dia,
Em tudo vejo e em todoss a ilusão.*

*Se em meu peito, a-revezes, a alegria
Trasborda, não é longa a duração
D'esse prazer, porquanto uma dôr fria
Vem logo após gelar-me o coração.*

*Assim vou caminhando para a morte
Sem receio das trevas doo Infinito,
Onde por vezes, maldizerem a sorte,*

*Com o fanal da Ilusão taambem habito,
Sem refrigério achar que me conforte,
Errante e só como qualquêr proscrito.*

Rio de Janeiro, Julho de 1919.

JOSÉ PAEES D'ANDRADE



Desenho inédito de grante artista Rafael Bordalo Pinheiro. Oferta do distinto escritor sr. Cruz Magalhães, o fervoroso cultor da memoria de Bordalo.



1. Sr.^a D. Maria da Ressurreição Neves Rato, esposa do sr. José Marcelino Fernandes Rato, falecida em Lisboa.—2. Sr.^a D. Emília Rosa, cuja morte teve lugar n'esta cidade. A extinta era mãe dos srs. Joaquim Pedro dos Santos, membro da direção da Cantina Escolar de S. Mamede e da Associação Escolar do Ensino Liberal, e Francisco Pedro dos Santos.—3. Sr.^a D. Olímpia Cohen Ribeiro, esposa do sr. Amadeu Ribeiro, empregado dos escritórios do *Seculo*, também ha pouco tempo falecida n'esta cidade.—4. Sr.^a D. Luiza Adelaide



Gonçalves, professora oficial em Montalvão, onde a sua morte causou grande pesar.—5. Sr.^a D. Maria das Dores Ayres de Faria, natural de Carreiras, onde faleceu. Era mãe do sr. Luiz da Silva Faria.—6. Sr. dr. Artur Soares, diretor o Banco do Minho e um dos fundadores do suntuoso Teatro Circo, recentemente falecido em Braga. O extinto era ali muito considerado, causando a sua morte a maior consternação. Era cunhado do sr. dr. Augusto Soares.—7. Sr. Wandervilt José Ferreira, aluno do 5.^o ano do liceu de Braga, onde a sua morte foi muito sentida. Era filho do capitão chefe de musica, sr. Francisco Joaquim Ferreira e irmão do capitão de infantaria, sr. João Alves Ferreira.—8. Sr. Joaquim de Mendonça, de 75 anos, proprietário, falecido em Vendas Novas, um grande benemerito, em que os pobres perderam um valiosissimo amparo, sendo comovedor o elogio fúnebre que o ilustre medico sr. dr. Artur Aleixo Paes, pronunciou junto da sua sepultura. 9. Sr. José João d'Oliveira Partidario, falecido na vila do Seixal.—10. João Marques, estimado comerciante e proprietario n'esta cidade, onde o seu falecimento, que ocorreu na vila do Cartaxo, motivou profundo pesar.



Grupo de alunas da «Escola Ménagère», em Palhavã, e senhoras de sua familia, que assistiram a uma das brilhantes festas que ultimamente se realisaram n'aquela casa de ensino, vendo-se sentada ao centro do segundo plano a sua diretora, Madame Miranda Viana.

Nas Termas de Marôbo (Ilha de Timor)

Opúsculo que em princípios de 1917 publiqui («Aguas sulfurosas de Timor — Breve notícia» por A. Damas Mora) e a minha teimosa propaganda oral das virtudes miraculosas do manancial quente de Marôbo conduziram a aquela estância, em junho d'esse ano, além de 3 senhoras europeias, quasi todos os altos funcionarios da Ilha. A distancia de Dilli ao centro do comando de Bobonaro é de mais de 100 quilometros; os caminhos inverosímeis; como meio de condução os pequenos mas fortes cavállos de Timor; e a duração da espinhosa viagem 3 dias, que para cumu-

com reumatismo, úlceras, micoses, eczemas, etc., tinham-se curado 218.



O «Hospital Dr. Carvalho» em Lahane (Timor portuguez). Situado perto da cidade de Dilli, n'uma colina arejada, é uma das esplendidas obras do governador sr. Celestino da Silva.

Porém, em 1917, tive de reunir á minha qualidade de Director Clínico das Termas, as de provedor de viveres com a graciosa assistencia das três senhoras, constituídas em comissão de subsistencias. E não tiveram os aquistas razão de queixa. Aquella distancia de Dilli, os menús (escritos cada dia pela letra preciosa do capitão sr. P. da Cunha, e em cartão de bórdos dourados, se faz favor!) traziam surpresas deliciosas e todos hão-de recordar ainda o épico arroz preparado pelo cosinheiro José, que motivou uma ordem de serviço do

Governador, determinando que só a esse Vatel indigena (d'entre os quatro de que dispunhamos) fosse licito manipular aquele saboroso prato!

Claro que a multiplicidade das minhas funções me não consentiu tomar mais do que umas nótulas dos resultados terapeuticos, colhidos em 1917. Mas se fosse necessario confirmar por mais uma cura milagrosa, a eficacia d'aquellas aguas, não deixaria de citar o caso da esposa do capitão sr. Salustiano de Souza Correia, (então comandante superior da fronteira) a qual deixava as aguas no dia em que nós ali chegámos. A essa senhora aconselhara eu, imperiosamente, o uso das termas, como ultimo recurso contra um eczema pustuloso, resistente a todós os tratamentos classicos, o qual lhe invadira a face e a cabeça e durante 28 mezes, por via dos pensos diarios inevitaveis, lhe produzira sofrimentos excruciantes. Pois ao 3.º dia de banhos, as úlceras eczemáticas entravam em plena cicatrização e ao 17.º dia restava sómente uma pequenissima ferida no angulo do



Um grupo de aquistas na gruta da enguia no Suco de Marôbo, 1918.

Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Srs. dr. Abel Fernandes, juiz da comarca; e dr. Damas Móra e Mademoiselle Alice Rocha Carvalho.

No segundo plano, os srs.: Luiz Augusto de Oliveira Franco, governador interino da colónia; capitão C. Bernardo, capitão Simas, dr. Peregrino da Costa e capitães Branco e Batista, sr. Rocha Carvalho e Mad.elle Amélia Rocha Carvalho.

io de desdita foram, fóra do costume para a época, extremamente chuvosos e agrestes.

Tive a honra — e falo na primeira pessoa porque a isso me dá direito — ter feito conhecer aquellas esplendidas aguas — tive a honra de receber nas Caldas de Marôbo o benemerito governador que Timor ainda hoje pranteia, sr. Filomeno da Camara; o chefe do Estado maior sr. Oliveira Franco; o capitão dos portos sr. Humberto Leitão, com sua esposa; o capitão sr. Pereira da Cunha e esposa; o administrador do Concelho sr. A. Camacho e esposa; o Inspector da Fazenda sr. P. Tinoco; o Director das O. Publicas sr. M. Rezende; o official da Secretaria sr. Abreu; o Director da Alfandega sr. J. Brito; o Chefe da R. do Fomento sr. Roxo; o escrivão da Fazenda sr. Ferreira; o sr. Amaral empregado da Alfandega, além dos comandantes militares de Bobonaro, Suro e Atolia, etc., etc.

Do alto funcionalismo da Ilha, apenas ficou em Dilli o Secretário do Governo.

No ano anterior (1916) por completo me dedicára ao estudo clínico das aguas. De 280 doentes,



Uma paisagem das Termas de Marôbo, onde se vêem algumas das habitações construídas com bambus e palmas, pelos indigenas, para os banhistas. As barracas que se acham no primeiro plano são destinadas a cavaleiças. No ultimo plano destaca-se o pico Ussiláu.

olho direito. Aquella excelente senhora que em Setembro voltou ao Marôbo a completar a sua cura, nunca me falava nas Termas porque se lhe não arra-

zassem os olhos de gratíssima saudade!

Projetava eu completar mais tarde as nótu-
las referentes á época balnear de 1917 e envia-las á
I. P. com as fotografias tiradas pelo sr. Oliveira
Franco.

Mas quê! Tendo voltado á fatigante vida de me-
dico em Dilli, sempre a minha mente rebelde se re-
cusou, pertinaz, a evocar a paisagem selvática que
emoldura uma das mais estupendas nascentes sul-
furosas que certamente ha no mundo.

Como se está longe ainda de instalações compa-
ráveis ás das afamadas termas de «Roto-Rua» na
Nova Zelandia! As casas de habitação para os ba-
nhistas, feitas ou renovadas cada ano pelos indige-
nas, desde que é finda a estação das chuvas até
principiar a época balnear, são apenas barracas es-
paçosas feitas de bambús espalmados ou quando
muito (na aristocrática residencia do Governador)
de troncos de arequeira, igualmente calcados. Te-
tos de palha, chão terreo ou de bambú, em todo o
caso pitorescas e comodas para quem não tenha do
conforto uma noção sibarítica.

A paisagem é torturada e bravia. Despenhadei-
ros formidáveis, vales abruptos, de encostas profun-
damente ravinadas, com uma vegetação
raquítica e rara, onde
predomina a casuarina e o bambú silvestre,
franzino e baixo, cuja
folhagem é o unico
alimento dos nossos
cavalos.

A funda e irregula-
rissima bacia, onde
brotam as águas, é
limitada a oeste por
alta cadeia onde avul-
ta o pico de «Cailaco»,
cuja forma é grossei-
ramente a de uma
quilha virada para ci-
ma, monstrosifirico
quasi nú, de aresta
viva, onde ainda as-
sim o indigena transi-
ta quando a ventania
não seja por de-
mais intensa; a oeste
o «Ussilau» ergue a
prumo um pico altis-
simo, que lembra,
visto de nossas casas
um canino monstroso
de fera prediluvia-
na; por sul e leste as
montanhas de Marô-
bo, fragosas e estê-
reis, d'onde o indige-
na extrae o módico
passadio a troco de

um trabalho extenuante; ao norte
montanhas sucedendo-se em ordem



O pico de Cailaco, que visto das Termas do
Marôbo se assemelha á quilha de um barco que
se tivesse voltado.

de altura por cujas gargantas apertadis-
simas e fundas se escôa o caudal sulfu-
roso, juntamente com a agua da Ribeira
Loicibe, para ir fazer parte da Ribeira
Marôbo, um dos dois grandes afluentes da
«Lois», a mais caudalosa de Timor.

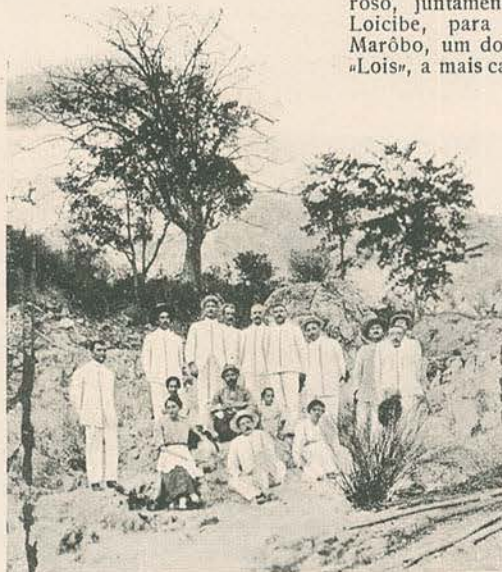
As nossas instala-
ções estão sobrancei-
ras ás nascentes sul-
furosas, a uma dis-
tancia de 400 metros
de áspera ladeira.

A sua altitude é de
525 metros; as tem-
peraturas do ambien-
te, tomadas diaria-
mente com todo o
cuidado pelo gover-
nador sr. Filomeno da
Camara, permitiram-
me corrigir as que
eu obtivera em 1916
com um termometro
defeituoso cujo erro
devia ser aproximada-
mente de 5 graus! Na
realidade o calor nun-
ca foi além de 23° ou
24°; e não descia
á quem de 18°. Como
se vê é um clima abso-
lutamente ideal.

Como disse no
opúsculo já citado,
entre as 7 nascentes
brotando dentro de
área apertada, apenas
duas são aproveitadas
e essas em mini-
ma parcela, tão abun-
dantes são; e, coisa
notavel, que aliás se
repete em outras nas-
centes sulfurosas e
não sulfurosas da Ilha:
quanto mais longe
da estação pluviosa
tanto maior volume
de agua contem!

A nascente n.º 2 en-
cheria um tanque, on-

de coubessem 2 metros cubicos de agua, em pouco
mais de meio minuto. Da nascente n.º 3 basta di-
zer que é tão abundante o seu caudal que passando
por 12 tanques de pedra solta — escalonados no
leito da ribeira por ela formada, — no ultimo a tem-
peratura da agua é apenas um grau inferior á do



Outro grupo de aquistas junto da nascente n.º 2 das
aguas sulfurosas no sopé de uma «Ficus benjamina», a
arvore sagrada dos indigenas. Sentados, da esquerda
para a direita, no primeiro plano: Madame Humberto
Leitão, sr. dr. Damas Mora, clinico das Termas, e Ma-
dame A. Camacho. No segundo plano: Madame Pereira
da Cunha e sr. Filomeno da Camara, governador da colonia.

No terceiro plano,
de pé, os srs. Amaral, em-
pregado da Alfandega; P.
Tinoco, inspector de Fazenda;
Abreu, official da Secretaria
do Governo; A. Cam-
acho, administrador do
concelho; M. Rezende, di-
rector das Obras Publicas;
Assis, capitão Pereira da
Cunha; Roxo, chefe da Re-
partição do Fomento; capi-
tão Oliveira Franco, e Fer-
reira, escrivão de Fazenda.



A povoação de Bobonaro, (Timor portuguez) séde do
comando militar em cuja área se encontram estas ma-
ravilhosas aguas sulfurosas.

primeiro. Em 1916 tive de servir-me de tanques muito primitivos argamassados com terra. No ano seguinte já havia 4 grandes tanques cimentados onde se tomavam cómodos banhos entre 41°5, e 44°, conforme a resistência ou gosto de cada um. Os mais escaldadiços diminuíam ou suprimiam o cano de bambú onde corria a água da nascente n.º 3, a 45°, e aproveitavam apenas a da nascente n.º 2, que após um curto trajecto, em leito espraído, era recebida a 41°5; na maior parte das vezes graduava-se a mistura de harmonia com o gosto pessoal ou colectivo; e digo colectivo porque em cada tanque entravam em geral, e duas vezes no dia, 4 a 6 banhistas.

Na época seguinte, a de 1918, recebi nas termas os meus excelentes amigos: sr. Rocha Carvalho, administrador da Companhia de Timor, com suas interessantes filhas Amelia e Alice; sr. dr. Abel Fernandes, digno Juiz da Comarca; cuja tormentosa viagem daria, por si, um grosso volume episódico; o medico sr. Peregrino da Costa; o governador interino capitão sr. Oliveira Franco; o chefe da R. Militar capitão sr. Batista e os comandantes militares de Bonaro, Suro e Manufai, etc.

Foi para mim uma época bem mais cómoda, por terem as filhas do sr. Rocha Carvalho tomado a seu cargo, — e com toda a competencia — a enfadonha parte respeitante á alimentação dos banhistas.

Isso me deu lazeres para pôr em ordem os apon-

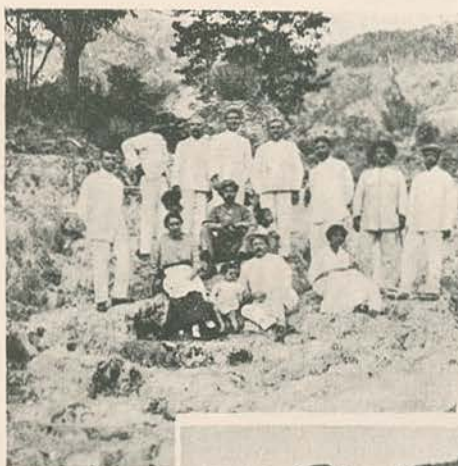
tamentos mal alinhavados da época anterior, e traçar este ligeiro esquema, que desejo fique como um preito de saudade áquelas aguas maravilhosas

onde em cada um dos 3 ultimos dos 5 anos de permanencia em Timor, passei 20 dias dos mais agradaveis que conto na minha vida.

Marôbo, (Timor)

Agosto de 1918.

A. Damas Móra.



1. Perto da nascente n.º 2 das termas de Marôbo, caudal de 160 000 litros por hora, que brota como um pequeno lago, ao passo que a nascente n.º 3 forma uma cascata. Da esquerda para a direita, sentados, no primeiro plano: Madame Humberto Leitão, sr. dr. Damas Móra e Madame A. Camacho. No segundo plano: Madame Pereira da Cunha e o sr. Filomeno da Camara. Em pé, os srs.: Amaral, P. Tinoco, Rezzende, Abreu, Assis Pereira da Cunha, Roxo e Ferreira. 2. As residencias do sr. governador da colonia, do seu ajudante, e dos comandantes militares na montanha de Marôbo, perto das nascentes das aguas sulfurosas das Termas do Marôbo.



(Clichés do distinto amador-capitão sr. Luiz Augusto de Oliveira Franco)

Foi este artigo ainda escrito em Timor, como se vê pela data. Trouxe-nôb-l-a pessoalmente o seu illustre autor, um dos nossos medicos mais distintos que tem estado nas coldonias e apreciado sob justos pontos de vista as grandes fontes de riqueza, que ainda ha por explorar em todas elas. Foi o ardente desejo de ver de perto o retalho mais remoto da terra portugueza e prestar n'ele ao seu paiz quantos serviços pudesse que levou o sr. dr. Damas Móra a Timor. A sua passagem pela formosa ilha ficou assinalada pela alta competencia dos seus trabalhos scientificos e pelo seu trato fidalgo, que a todos deixou profundamente rendidos.

O abalísado clinico traz muitos e substanciosos escritos sobre o oriente, quer referidos ao que é portuguez, quer ao que é estrangeiro, e que pôdem dar um grosso volume.

Agradecemos-lhe, muito penhorados, a gentileza de obsequiar a Ilustração Portugueza com as primicias d'esses escritos. — Nota da redação.

Filarmónica e Factos



Um trecho do grande lago do Parque Eduardo VII alimentado exclusivamente por água elevada do seu sub-solo

Agora que tão discutida tem sido a magna questão das águas, e ante o perigo iminente da sua falta para o consumo de Lisboa, não obstante ela existir por toda a parte, mesmo dentro da área da cidade, vem a propósito registar os vastos mananciaes que possui o seu sub-solo. Particularmente sob a zona marginal do Tejo e sob o parque Eduardo VII, como as sondagens realizadas por individualidades entendidas no assunto, têm constatado, existem em abundância cursos de excelente água. Ora, o aproveitamento d'estas águas subterrâneas por meio de poços artesianos, cujo estudo, aliás já ha muito se havia iniciado, mas que razões políticas forçaram a pôr á margem, vir a auxiliar a resolução d'este grave problema, de que se impõe uma decisão imediata, pois sem o concurso de tão precioso elemento da hygiene da cidade a saúde dos seus habitantes corre um dos mais graves riscos.

Um violento incendio se manifestou no palacete da quinta das Feiteiras, em Bemfica, onde residia o sr. conde de Sagres, atual-



Os mananciaes do Parque Eduardo VII—O encarregado da Camara Municipal junto da mina que atravessa o parque.

mente em Italia. O sinistro que a principio se supoz fosse ocasionado intencionalmente, destruiu uma boa parte da habitação d'aquelle titular, sendo importantes os prejuizos que d'ele resultou, pois ficaram carbonizados muitos componentes do antigo e luxuosissimo mobiliario que o artistico palacio comportava.

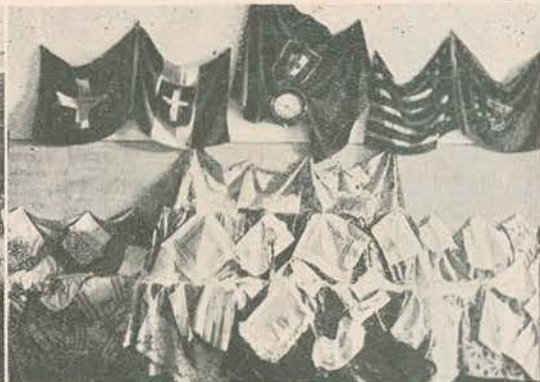


1 O amplo pateo em frente do palacete onde residia o sr. conde de Sagres, na quinta das Feiteiras, em Bemfica, pejado de moveis, que se conseguiram salvar do incendio.—2 A fachada da residencia do sr. conde de Sagres depois do violento incendio, que em parte o destruiu e ao seu precioso mobiliario.—3 A sala do palacete da quinta das Feiteiras que mais prejuizos sofreu, ficando completamente carbonizado o rico mobiliario, que comportava. (Clichés Serra Ribeiro).



Grupo de costureira que frequentam a casa de trabalho mantida pela benemerita instituição «Cruzada das Mulheres Portuguezas».

Cruzada das Mulheres Portuguezas.— Tem sido particularmente concorrida a interessante exposição de labores femininos promovida pela «Cruzada das Mulheres Portuguezas». Estes trabalhos destinam-se



Um aspecto da interessante exposição de trabalhos feitos na casa de trabalho da «Cruzada das Mulheres Portuguezas».

não só a ser distribuídos aos nossos soldados, que regressam de França e da Africa, como tambem a ser vendidos a diversos estabelecimentos que os teem requisitado, prestando assim concurso á obra d'esta instituição.



Señoras que fazem parte da C. M. P., vendo-se ao centro do primeiro plano, indicada pelo signal (X) a sr.^a D. Ana de Castro Osorio.



O jazigo-monumento a Brito Aranha mandado construir por uma comissão composta de jornalistas e amigos dedicados do illustre finado.

Brito Aranha.— Constituiu uma sentida homenagem á saudosa memoria do distinto jornalista Pedro Wenceslau de Brito

Aranha a inauguração do monumento que lhe foi erigido no cemiterio occidental por subscrição realisada entre varios amigos e admiradores, sendo para ali trasladados os restos mortaes do illustre finado. Ao ato, que teve logar a 14 do corrente, assistiram, além da esposa e filhos, numerosos amigos, jornalistas e homens de letras, entre os quaes o sr. dr. Melo Barreto, atual titular da pasta dos negocios do estrangeiro, que proporcionaram a esta manifestação funebre ao seu antigo e distinto camarada uma grande imponencia, que bem calou no animo dos que a ella assistiram.



A condução do feretro, que encerra os despojos mortaes do saudoso jornalista e distinto bibliografo que foi Brito Aranha, para a sua derradeira morada.

(Clichés Sserra Ribeiro)



Casamentos elegantes.—1. O sr. Antonio M. Gomes, filho do capitalista brasileiro sr. Manuel M. Gomes, e sua noiva a sr.^a D. Maria E. A. Rosas, gentil filha do capitalista sr. Tomaz Rosas, após o seu enlace que teve lugar no templo do Bom Jesus do Monte, em Braja.—2. A sr.^a D. Lily Teixeira com o sr. José Teixeira, à saída da igreja de S. Mamede, após a cerimônia religiosa do seu consorcio que teve uma grande imponencia.

TRIBUNAL DO COMERCIO

O incendio de maio ultimo, no Terreiro do Paço, destruiu a secção das encomendas postaes, correios, e devorou parte do edificio em que estava instalado o Tribunal do Comercio — poupando apenas o magnifico salão das audiencias. Depois do incendio o tribunal fraccionou-se, passando a realisar-se as audiencias no salão nobre do Supremo Tribunal de Justiça, e ficando os cartorios dispersos, o que não convinha aos interesses do publico, nem aos dos funcionarios d'aquelle corpo judicial.

No intuito de acabar com esse inconveniente, o Estado alugou o palacio do visconde das Laranjeiras, a S. Pedro de Alcantara, construção joanina de Ludovice, o arquiteto do convento de Mafra, adaptou-o ás suas novas funções e instalou nas suas salas o



O gabinete do juiz-presidente da 1.^a vara comercial na nova sede do Tribunal do Comercio. Sentado, ao centro, o sr. dr. Nunes da Silva, presidente da 1.^a vara, tendo á sua esquerda o sr. dr. Sousa Costa, secretario da 1.^a vara. De pé, o sr. Daniel de Matos, escrivão do 3.^o officio.

Tribunal onde ficam concentrados todos os respetivos serviços, sala das audiencias, gabinetes dos juizes, dos jurados e dos secretarios, conservatoria do registo comercial, gabinetes dos advogados e dos contadores, cartorios dos escrivães, repartição de falencias, etc.

Esta instalação, que em nada se parece, pelo desafogo e pela elegancia, com a maioria dos nossos tribunales, é contudo provisoria. O Estado tomou o compromisso de reconstruir o tribunal devorado pelo incendio. E apenas as obras a realisar, para as quaes, ao que se diz, concorrerá o comercio de Lisboa, por meio de uma subscrição, estejam completas, os serviços de justiça comercial regressarão á antiga sede no Terreiro do Paço.



1. A sala das audiencias das novas instalações do Tribunal do Comercio no palacio do visconde das Laranjeiras, em S. Pedro de Alcantara.—2. O gabinete dos jurados do Tribunal do Comercio provisoriamente instalado no palacio do visconde das Laranjeiras, enquanto se não reconstrue o edificio da Praça do Comercio ha mezes destruido por um violento incendio.—(Clithés Serra Ribeiro).

1841

1919

AGENCIA INTERNACIONAL

DE

INFORMES COMERCIAES

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

245 SUCURSAES NAS CINCO PARTES DO MUNDO

78 anos de existencia

Unica agencia de Informes Comerciaes que possui
DEZ SUCURSAES proprias na Peninsula:

- BARCELONA*. — *Calle de Bilbao, 198*
- BILBAO* — *Calle de la Estación, 5*
- LISBOA*. — *Rua do Comercio, 103*
- MADRID* — *Calle Nicolas Maria Rivero, 8-10*
- MÁLAGA* — *Alameda de Wilson, 19*
- MURCIA*. — *Plaza de Cetina, 2*
- OPORTO*. — *Rua do Almada, 10*
- SEVILLA* — *Calle Cánovas del Castillo, 14*
- VALENCIA*. — *Calle de Sorni, 2*
- VALLADOLID* — *Calle de la Constitución, 7*

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias

1919

1841

Klidina

XAROPE

DE

ODO E GLICEROFOSFATOS ASSOCIADOS para tratamento das

CREANÇAS raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E' a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar

a

Klidina

PEDIDOS A
DAVITA, L. DA

83. RUA EUGENIO DOS SANTOS
LISBOA

Menstruação

Com as menstruações reg.¹

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tónica e reconstituinte seja qual for o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com instruções 2800. Lab. e Depósito: V. Ferrão, L. da Saúde, 14. — Quintans, R. da Prata, 191. — Azvedos, Rocio, 31. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.



Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM

O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º E. — Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central. — No BRAZIL PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.



GABINETE DENTARIO

Direcção Clinica

DE

MARIO DUARTE

P. dos Restauradores, 13

Telleg. 3300 e 3652

LISBOA

LANÇE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excepções e uma d'elas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes annos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação veiu por casualidade deparar com o que precisadamente procurava e não só poudo curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois ficaram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.ª já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.ª tenha já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, a que se possam curar como ele e centenares de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura, devese sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actual é CURA completamente — não dá simplesmente alivio — de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operacão cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despesa alguma e confia-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correio a directão indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....

Endereço.....

Agua de Santa Martha (ERICEIRA)

Unicas do seu typo em todo o mundo segundo do analyse do distincto chimico Prof. Charles Lepierre. — *Infalíveis na cura de: Estomago—Rins—Bexiga—Prisão de ventre—Artritisimo, etc.*

DEPOSITO GERAL: Rua Augusta, 124, LISBOA

A' VENDA EM TODA A PARTE

TRABALHOS

TIPOGRAFICOS

Fazem-se nas officinas da

“Ilustração

Portuguesa”

DOENTES

A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doencas de qualquer orgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinaarias, respiratorias e circulatorias; hemorroidal, doencas da nutrição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas por graves e antigas que sejam; assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui pelas numerosas curas que tenho realisado.

Os que soarem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados me responsabilizo. Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio Psico-magneto-rápico. T. C. João Gonçalves, 20, 2.º E., ao Intendente.

Colares “Viuva Gomes”

— A MAIS VELHA MARCA DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com “GRAND PRIX”

SUCURSAL EM LISBOA:

SÉDE

Rua Nova da Trindade, 90

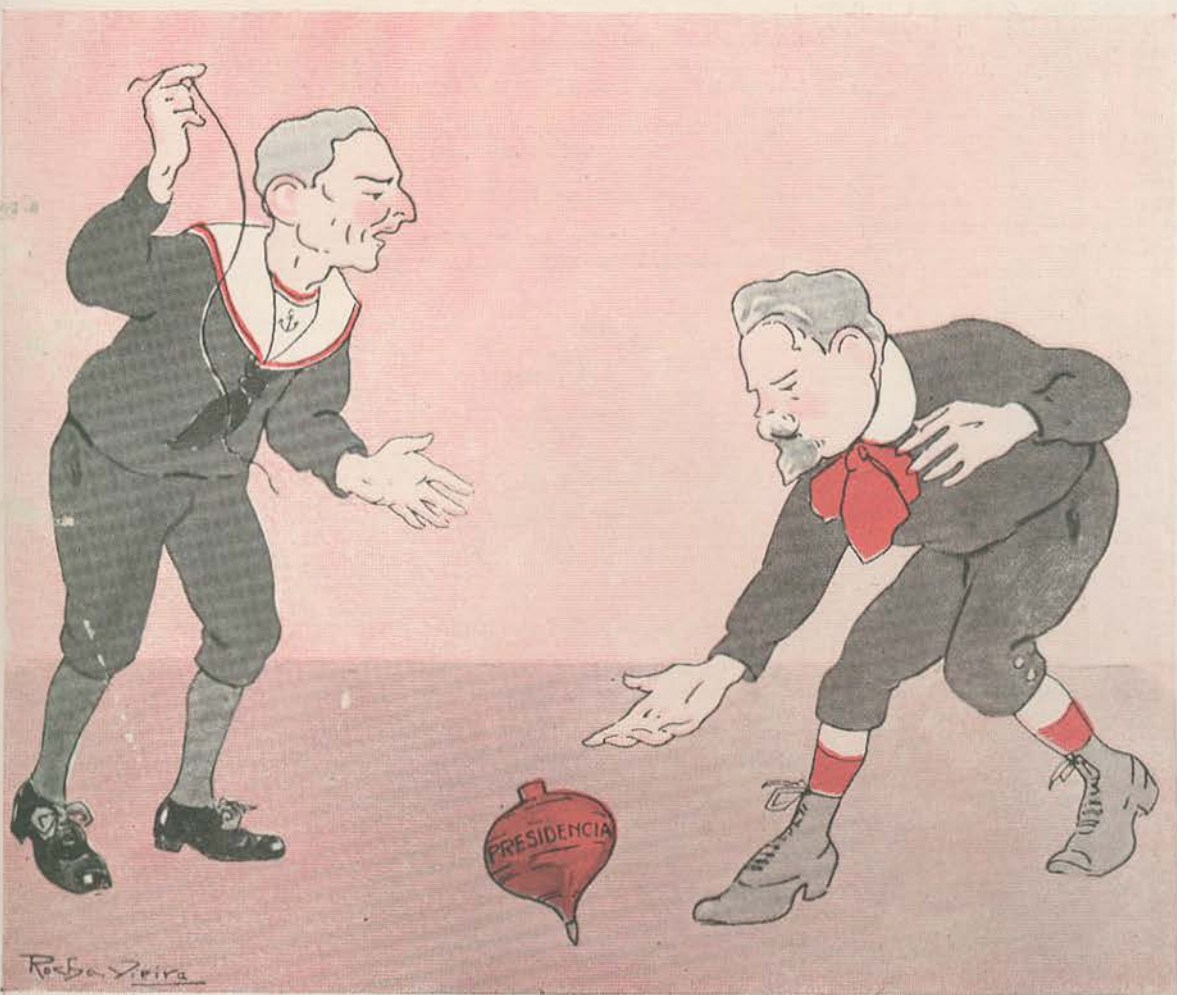
Telefone 1644

Colares-Almoçageme



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

Entre presidentes



—Apanha lá esse pião á unha!



PALESTRA AMENA

Cães atores

Palavra de honra que ninguém nos solicitou o reclamo, mesmo porque, com essa intenção, não diríamos uma palavra sobre o assunto. Posto isto, somos a dizer que muitos louvores temos ouvido á *troupe* dramatica que está funcionando no Coliseu, composta de 45 animaes caninos de ambos os sexos, de maior idade, não falando nos cachorrinhos ainda no periodo da innocencia.

Quantas maravilhas nos dizem d'essa companhia teatral! Primeiro, a união entre os seus membros é perfectissima, não se tendo até agora registado a menor intriga, ciúmes, nem invejas de competencias; depois, uma serie de factos que demonstram a superioridade do artista-cão sobre o artista-homem: não consta que, desde que a companhia se fundou, já ha alguns anos, nenhum ator tenha recusado o seu papel, sob o pretexto de que é inferior aos seus meritos; não consta tambem que cão ou cadela que entre n'uma peça tenha tido a ousadia de dizer mal d'ela e do autor, negando-lhe condições literarias ou outras; a obediencia ao ensaiador e ao autor é absoluta, nunca tendo os artistas, por mais cotados que sejam, ladrado a menor observação ás indicações que lhe fazem; quanto a vencimentos, são d'uma sobriedade de elogiar, porquanto vivem mais para a arte do que para a barriga; no artigo *toilette*, em que as atrizes-gente estão sendo d'uma exigencia inconcebivel, obrigando as emprezas a pagarlhas, as atrizes-cadelas são modestissimas, contentando-se com uma simples sainha de algodão e um chapéu de cinco tostões; não ha exemplo de atriz-cadela, ao contrario do que acontece com certas atrizes-gente forçar a empreza a pagar-lhes trem ou automovel para ir de casa para o ensaio ou para o espetáculo; etc., etc.

Agora, dirá o leitor que o desempenho das peças por parte de artistas bipedes autorisa todas as exigencias, porquanto elles estudam afincadamente, tem talento e consciencia, são bons profissionais, emquanto que os artistas quadrupedes não estudam, são estúpidos, representam mal e porcamente. Não dirá bem, o leitor: os cães e as cadelas, ao que nos consta, compreendem perfectamente os seus papéis, realisam as personagens maravilhosamente, não precisando para nada do incentivo dos jornais, com retratos e artigos biograficos elogiosos.

Posto isto, com o desasombro de que temos dado sobejas provas, cumpre-nos acrescentar que entre nós ha excepções honrosissimas, entre elles todos os artistas homens e senhoras que se dão com o sinatario d'estas linhas, pessoas que muito presamos e para as quais não cabe a carapuça d'este pararello. Onde bate o pon-

to sabemos nós e o nosso querido collega de redação, *Jerolmo*, emprezario do *Pauliteama* de Pêras Ruivas, que está resolvido a contratar o grupo dramatico canino para o seu teatro, contando assim ganhar um dinheirão, tanto mais que vai encomendar uma revista do ano a dois ou tres autores de mais nome, com a condição de não lhe meterem gramatica, bom senso e outros elementos anti-teatrais.

Curamos por informações, repetimos, mas uma noite d'estas contem os srs. cães e as sr.^{as} cadelas com os nossos aplausos.

J. Neutral.

Lá vem ele!

Versiculos d'um crente

I — Sinaes que não enganam, indicam que se aproxima a era do Anti-Cristo e que este está a chegar, como preferisam as sagradas escrituras.

II — Já o fogo do céu desce á terra, marcando o termometro 40 graus á sombra.

III — O Senhor castiga os pecados dos homens por um novo diluvio, mas d'esta vez de chamas.

IV — E os pecados dos homens são sem conta.

V — Eles decretaram que os homens casados podem abandonar suas espo-



sas e vice-versa, para realisarem novos consorcios.

VI — Eles obrigaram os fieis a dar aos pobres parte do que oferecem ao Senhor.

VII — Eles vendem a batata a dois tostões o quilo, o açúcar a seis tostões, os ovos a quinze tostões e assim por diante.

VIII — As blasfemias multiplicam-se contra os eleitos do Senhor.

IX — Corre entre o povo que um homem de barbichas e feições demoniacas está prestes a chegar a Portugal.

X — As iniciaes do nome d'esse homem são A. e C.

XI — Com A e C se escreve Anti-Cristo.

XII — Orai, irmãos, que dias de tremendas provações vão despontar.

XIII — E as trevas cobrirão a face da terra e o caos reinará por todos os seculos dos seculos...

«Filhos da noite»

Como se vê que somos um povo imaginoso e poetico, até nas denominações com que se batizam as coisas mais antipaticas! Os gatunos do Tejo, que alta noite assaltam as embarcações para roubar o que ha bordo, são os *Filhos da noite*. Que lindo titulo para opera!

Em terra, a poesia não se emprega com menos exito: quem não conhece a doce agremiação dos *Filhos do golgolpe*, que aliviam o seu semelhante do incomodo relógio sua corrente, assim como da incomoda carteira onde recolhe as mal cheirosas notas?

Outros *Filhos*, com restrictivos



igualmente bonitos, pululam por ai em agrupamentos, que representam, afinal, outras tantas forças dispersas da energia nacional!

Ora, não seria conveniente que elles se unissem, que constituissem um só organismo congregando esforços? Lembrem-se da parabola dos *Sete Vimes* — e como as varias designações tinham tambem de ser englobados n'uma, ousamos propôr para esta a de *Filhos da...*

Pedimos licença para não terminar a expressão, que decerto já ocorreu ao leitor intelligente.

Posturas

Não tenham receio os habituais transgressores das posturas municipais, pelo menos os que andam pelos passeios das ruas sobraçando volumes ou com elles á cabeça, porque ainda d'esta vez tudo fica em agua de bacalhau.

Leiam:

«A's pessoas que transitam pelos passeios, conduzindo volumes excedentes a um cubo de quarenta centimetros de aresta deve applicar-se o disposto no artigo 27.º do Código das Posturas.»

Ora então, d'aqui até que a policia saiba o que é um cubo, o que é a aresta d'um cubo e o que são quarenta centimetros, hão-de passar tantos anos que quando ella chegar a adquirir tal soma de conhecimentos matematicos já ninguém se lembra de que existe semelhante postura.

**EM FOCO**

(Maestro Venceslau Pinto)



*Caro maestro da Mulher ingrata:
Parabens por aquela partitura;
Gostei, embora eu seja criatura
Muito pouco entendida em musicata.*

*Imagine: p'ra mim a Traviata
Parece o Balancé da neve pura!
Se canto, a visinhança diz e jura
Que está sendo atacada alguma gata!*

*Mas da Mulher ingrata gostei tanto
Que até sinto pruridos na espinhela
Se me ocorre a memoria tal encanto*

*E pode pôr, querendo, na tabela,
Que estou disposto a professor o canto...
Mas hei-de só cantar co'a Satanela.*

BELMIRO.

Explicações

D'um dos infelizes condenados no Tribunal Militar Especial recebemos a seguinte carta, que publicamos cheios de horror.

«... Sr. redactor.

«E' um desgraçado official a quem taxam de monarchico, que não é chefe de familia, mas que para tal possui todos os requisitos, que se lhe dirige, apelando para a consciencia publica, em vista da tremenda sentença que acaba de lhe ser imposta, depois d'alguns mezes de regimen inquisitorial de casa, cama e mesa, esta com serviço do Tavares, a cama um horriavel catre de pau santo com colchão de arame e roupa de linho, a casa um antipatico

restaurar o trono e pôr n'ele o sr. D. Manuel II. Em segundo lugar, preciso afirmar-lhe que se fui para Monsanto foi amarrado de pés e mãos e narcotizado; uma vez ali e acordado reconheci que estava entre velhos camaradas, que para Monsanto tinham ido apenas na intenção de realizar um *pic-nic*, danças recreativas e outros divertimentos honestos, tudo dentro da lei. Alega o repugnante promotor da justiça, que se encarniçou contra mim, a ponto de não pedir a minha absolvição, que de Monsanto se dispararam tiros contra as forças fieis ao governo! Nada mais falso, sr. redactor: tinham, sim, os meus camaradas, levado para ali algumas espingardas e canhões, mas no intuito de fazermos uma caçada ás lebres antes do *pic-nic*; disparam-se antes de tempo, confesso, mas inesperada e espontaneamente, sem que ninguém lhes tocasse, porque eram armas automaticas, d'um sistema que desconheciamos, pois que se lhes soubessemos da balda nunca consentiríamos que alvejassem os republicanos, pelos quais nutrimos os mais afetuosos sentimentos de estima.

«Fala-se em bandeiras monarchicas! Mas, sr. redactor, as bandeiras que arvorámos em Monsanto, em sinal de festa e não de guerra, eram verdissimas e vermelhissimas! Que culpa tenho eu e os meus pobres camaradas de *pic-nic* que elas distingissem com o vento que tazia, o verde desse a impressão de azul e o vermelho a do branco?!

«Tambem no Tribunal se assegurou que nós, os da pandega de Monsanto, tinhamos entendimentos com os revoltosos do Porto! Calunias e mais calunias! E' verdade que com eles comunicámos pela telegrafia sem fios, mas apenas para lhes perguntar pela saude e de suas excellentissimas familias e para lhes desejar um novo ano cheio de prosperidades!

«Eis, pois, destruidas uma por uma as acusações de que fui vítima. Lá vou cumprir, humildemente a pena de degredo para o Monte Estoril, mas espero da benevolencia do sr. Presidente da Republica para quem nunca deixou de o acatar, que aquela seja reduzida, porquanto não me convem estar fóra de Lisboa mais do que um mês, por motivo de ter de preparar novo *pic-nic* com alguns amigos, esperando ser desta vez bem sucedido.

«Crea-me, sr. redactor, inocente amigo e obrigado». — A. O.

As «bichas»

Final de contas está-se vendo que a unica instituição em condições de vitalidade, que a guerra nos deixou foi a da «bicha»: outras, igualmente simpaticas, como a do Ministerio das Subsistencias, apesar dos inestimaveis serviços que prestaram, estão periclitantes; a «bicha», porém, resiste a tudo, sendo de prever que se multiplique e que fique para sempre nos nossos costumes, pois que ha pessoas que já não podem passar sem a imobilidade horas e horas á espera de vez, sem os respectivos muros dos paarceros e sem as coronhadas da força publica. Temos, que nos lembre, a «bicha» ás bilheteiras dos caminhos de ferro, ás portas das padarias, ás bilheteiras dos teatros e ás bichas dos chafarizes; propomos mais as seguintes: «bichas» de pretendentes a logares publiccos, á porta dos ministerios; «bichas» ás portas das caixas do teatro, para obter coristas em bom estado; «bichas» no meio das ruas, para apanhar um bocadinho de sombra nos passeios; «bicha» á porta do sr. Antonio José d'Almeida, para cumprimentar sua excellencia.

Se o leitor se lembrar de mais alguma, tenha a bondade de comunicar, para os devidos effectos,

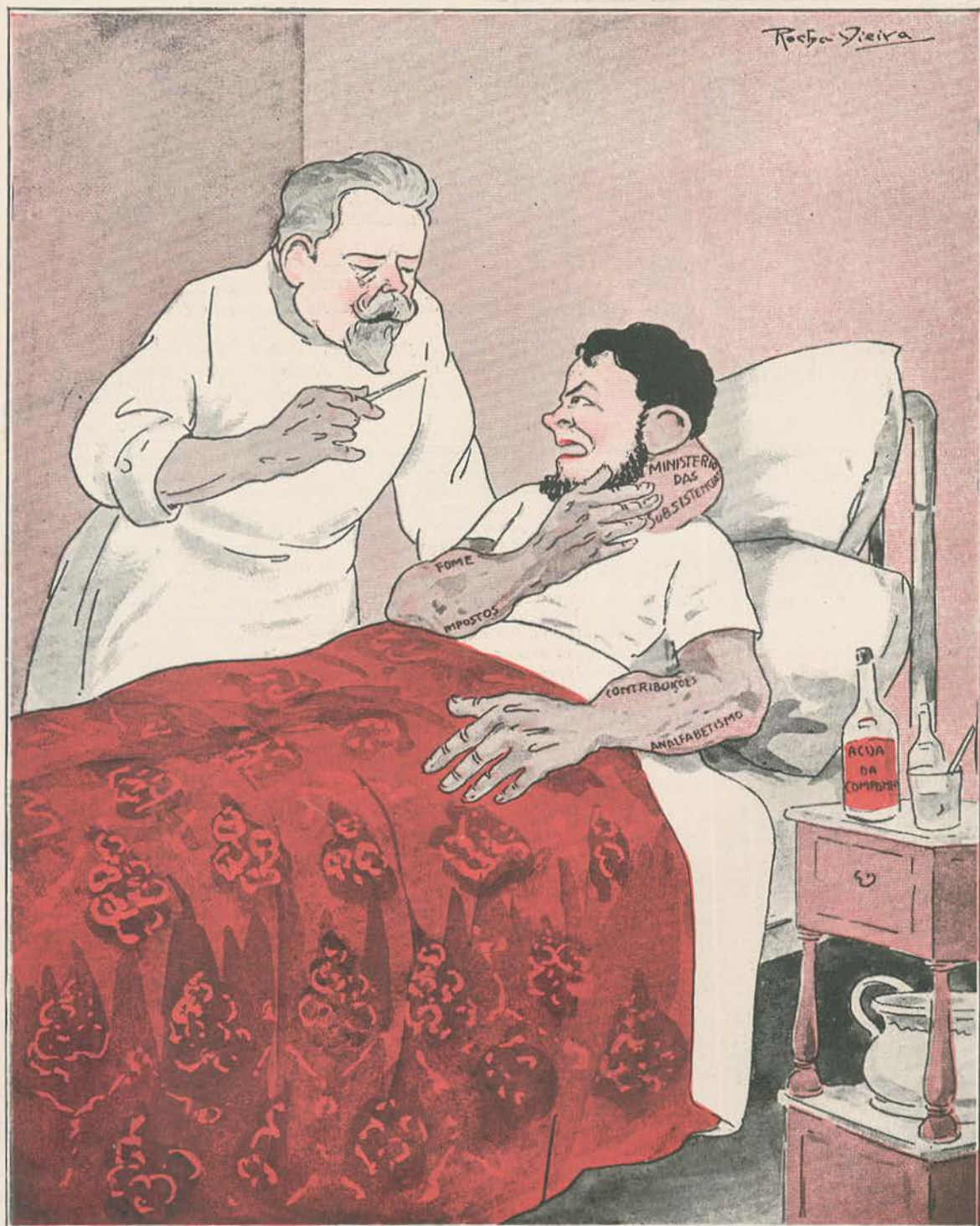


chalet, apenas com dois quilometros de quinta para se passear.

«Sr. redactor: fui condenado na pena de dois dias de prisão, alternativa de degredo para o Monte Estoril durante os mezes de agosto, setembro e outubro e tudo isto pela caluniosa afirmação de que tomara parte activa no ultimo movimento monarchico!

«Primeiro do que tudo, sr. redactor, devo acentuar que tal movimento nada teve de monarchico, havendo-se realisado apenas para abolir a Republica,

Operação



O ENFERMO:

—Ora ainda bem que temos um presidente medico! Tenha a bondade de me lancetar este tumor, que não me deixa pregar olho...